



Interior de uma cabana de Esquimos

A infeliz raça dos Esquimós é indígena da America Septentrional, e divide-se em differentes grupos, que, ou habitam nos extremos limites do norte d'aquella parte do mundo, ou nos da Asia.

Infeliz chamei a essa raça; e por certo que nenhuma o é mais do que ella sobre a terra. Habitando regiões inhospitas, que o rigor do frio torna insupportaveis, soffrem muitas e muitas vezes os Esquimós o martyrio da fome, de envolta com a falta absoluta de agasalho e conforto nas suas tristissimas vivendas. Se a caça falta, nem elles têm alimento, nem pelles para se resguardarem do frio, nem azeite para se allumia-rem e aquecerem. Felizes são aquelles, diz M. H. Blerzy, que descobrem alguns fragmentos de toucinho de baleia enterrados na neve nos dias de bom tempo para sustento dos cães!

É pois que citei M. H. Blerzy, apresentarei aos leitores alguns traços da descripção, que elle traduz de uma obra do capitão Hall (*Life with the Esquimaux*. 1864), das miseraveis cabanas dos Esquimós, se ainda assim se pôde dar o nome de cabanas ás suas habitações!

—Curvando-me, diz o capitão Hall, até ao ponto de ficar em uma posição horisontal, pude entrar com a cabeça, depois com os hombros, e ultimamente com o restante do corpo. Encontrei-me então com uma duzia de robustas creaturas, cada uma das quaes estava armada de uma faca; mas, não haja susto, aquellas armas não eram de guerra, e sim destinadas a cortar grandes postas de phoca, instantaneamente engolidas entre as largas queixadas d'aquelles esfomeados. —

As mulheres e o cabeça de familia estavam-se regalando com sangue de phoca, ainda quente. Uma só tigela servia para todas as pessoas, e tão desaceiada era, que o capitão Hall hesitou em a receber, quando lhe foi offerecida para tambem beber o repugnante liquido.

Nos poucas dias de verão vivem os Esquimós em tendas que formam com as pelles dos animaes marinhos. Ali se amontoam homens, mulheres, creanças em torno de uma candeia com azeite de phoca, que lhes serve para se allumia-rem, e para se aquecerem. No inverno, no longo

e quasi interminavel inverno, edificam a miseravel vivenda em cavernas, a que serve de tecto a neve e o gelo. — Na rapida estação do verão, ainda é facil o sustento, porque, vivendo os Esquimós á borda do mar, este lhe fornece peixes, phocas, e algumas vezes baleias; sendo que um só destes cetaceos lhes fornece alimento para muito tempo; em terra encontram rennas e ursos brancos; mas no inverno a maior parte destes recursos lhes falta, e desde logo ficam reduzidos á situação mais lastimosa!

E, comtudo, (véde a insondavel bondade da Providencia!), os Esquimós, selvagens como são no aspecto, e cobertos de pelles, e untados de azeite de phoca, — em uma palavra, repugnantes, não deixam de inspirar um certo interesse aos europeus, e até a captivar-lhes a affeição pelos serviços que prestam naquellas paragens, e não menos pela disposição que têm para se alegrar e dar mostras prazenteiras. Quando, diz o já citado capitão Hall, *vêem um branco, sorriem: sorriem, quando esfregam o nariz para obstem a que elle géle, quando sopram nos dedos para se aquentarem, quando se untam com azeite de phoca. Em todo caso, e ainda sem insistir muito sobre o bom humor permanente d'estes homens, pôde affirmar-se que, a despeito da sua apparencia e modo de viver, são inquestionavelmente hospitaleiros e benevolos.* (1)

Quiz dar aos leitores as noticias que mais recentes existem na Europa ácerca dos Esquimós, e por isso recorri ao bello trabalho do escriptor francez que deu conhecimento da interessante obra do capitão Hall.

## O RATO DE TROMBA

ou o sabio e o soldado, a proposito da enxertia animal

(Continuado de pag. 373)

### II

Tal é a lenda da enxertia animal, porque não ha um só descobrimento, por infimo e pequeno, que não tenha a sua origem legendaria.

Sciencia e poesia são mais irmãs, do que muita gente cuida.

O caso é que a enxertia animal deve-se ao pobre *zéphir* do campo de El-Arouch, e, depois de larga incubação, acaba de receber o assentimento e sagração dos maiores naturalistas.

Após trabalhos porfiosos de grande monta estabeleceu-se que as propriedades vitaes dos elementos anatomicos possuem intensa resistencia.

Um órgão de structura complexa, como a cauda de um rato, separado do corpo, esfolado e introduzido sob a pelle do animal pôde continuar a viver e crescer até, se ainda não houver attingido as naturaes dimensões.

Ainda mais. A vida do órgão resiste á accção prolongada de diversos meios, taes como o ar, certos gazes, algumas dissoluções acidas, alcalinas etc.

Os membros enxertados soffrem algumas modificações; as fibras alteram-se; formam-se novos vasos; estabelecem-se communicações, e começa nova circulação.

(1) *Un hyvernage chez les Esquimaux, par M. H. Blerzy.* (Rev. des deux mondes, 1 de maio de 1863.)

Os nervos apresentam phenomenos alternados de degenerescencia e regeneração.

Os corpusculos osseos, as cellulas cartilaginosas, as fibras tendinosas, os corpos fibro-plasticos, as cellulas adiposas da medulla dos ossos não soffrem modificação apreciavel. As articulações vertebraes ficam livres, e, passados mezes, ainda na sua cavidade se encontram restos da corda dorsal. Se a cauda enxertada não havia ainda alcançado o maximo crescimento ou as dimensões normaes, continua a crescer até attingir o limite. Esta evolução faz-se normalmente emquanto ao modo e emquanto ao tempo. As cartilagens de ossificação transformam-se em ossos, as cartilagens intervertebraes adquirem as suas fibras caracteristicas e as cellulas da medulla ossea tornam-se adiposas.

Esta vida, a que o sr. Per não duvida chamar normal, manifesta-se não só na ordem physiologica mas ainda na pathologica. Se, por exemplo, assim que a enxertia tenha pegado, praticamos uma fractura, para logo se consolida por meio de um mecanismo, que não differe do que tem lugar em ordinarias circumstancias.

Quando a presença da cauda inclusa produz nos tecidos convizinhos uma inflammação suppurativa, acontece que o enxerto tambem se inflamma.

Muitos são os factos a que deu causa o travesso *zéphyr*, que nos plainos da Africa encontrou gloriosa morte pela civilisação contra a barbarie.

Não pretendemos relatal-os todos, porque seria occupar muito espaço com pouca vantagem, e tambem porque teriamos de entrar em certas minucias, que por tratarem de physiologia e anatomia, nos são completamente estranhas, coisa que não nos pejam de confessar muito á puridade e com toda a franqueza.

Nestas linhas, que ahi ficam exaradas, só quize-mos mostrar que a observação da natureza, qualquer que seja o intuito que a causou, é sempre util ao homem, e se della não nos advem vantagem immediata, sempre a sciencia ha de ganhar alguma coisa com o correr dos annos.

Os phenomenos andam fatalmente ligados, e o azar é, no fim de contas, a causa proxima ou remota de todos os descobrimentos.

A inducção só serve quando ajudada pela theoria, e talvez haja mais rigor em dizer que uma e outra são a mesma coisa observadas sob paralaxes diversas.

Seja, porém, como fôr, o certo é que o ignoto e humilde soldado, cujo nome ninguem sabe, prestou grandissimo serviço á sciencia, e querendo enganar um sabio afim de lhe extrair da algibeira alguns minguados vintens, desvendou um mysterio, divulgou um segredo.

Seja-lhe a terra leve, e admiremos mais uma vez a constante ligação de todos os phenomenos naturaes.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

## A INSTRUÇÃO POPULAR E A LITTERATURA

Houve um tempo em que a illustração era pri-

vilegio de poucos e em que o povo jazia immerso nas trevas da mais completa ignorancia. Assim convinha ao poder real e theocratico: um porque pretendia avassallar as consciencias, outro porque queria fazer dos homens escravos; fins que eram incompativeis com a claridade da intelligencia, com a luz do saber.

E estes dois grandes poderes, rivaes declarados tantas vezes, e inimigos a occultas quasi sempre, não deixaram jámais de estar de accordo no commum intento de agrilhoar com as pesadas algemas da ignorancia o gigante escravizado, que se chamava povo.

O colosso porém estremeceu um dia; a terra vomitou chammas na sua convulsão, e o sangue correu a jorros... mas o escravo pôde erguer a cabeça ao nivel dos seus senhores, para ser aquecido igualmente pelo sol da illustração.

A guilhotina, que cortou na garganta de André Chénier o ultimo canto do mavioso poeta, e que interrompeu no laboratorio a derradeira experiencia chimica de Lavoisier, salpicando com o sangue do sabio e do litterato o povo, que contemplava phreneticamente o alvorecer ensanguentado da liberdade, deu-lhe o baptismo commum para o estudo das sciencias e da litteratura.

Desde então não tem feito mais do que desenvolver-se cada dia em espantosa progressão a area da instrucção popular. As escólas, os lyceus, as academias, as universidades, os museus e os amphitheatros abrem de par em par as suas portas á onda do povo, que, depostas as armas homicidas com que conquistou a liberdade, busca adquirir aquellas muito mais valiosas com que deve conservá-la e que formam a consciencia dos direitos e dos deveres. Essas armas são a moralidade e a instrucção.

Eloquentemente proclama os beneficos effeitos da diffusão do saber a estatistica criminal que cada dia, como que envergonhada de se exhibir á luz do progresso, vae encurtando os seus limites, até que uma occasião virá talvez que atinja o zero... quando a instrucção publica tocar o maximo da perfeição e desenvolvimento.

Adquirida porém a educação elementar, muito fica ainda que desejar ao povo, que, embora não possa entregar-se ás lucubrações mais transcendentas da sciencia, deseja sempre conhecer, ainda que superficialmente seja, os principios geraes d'ella, para desvendar muitos dos phenomenos, que na vida constantemente o cercam.

Para alcançar este fim, nos multiplices aspectos sob que pôde ser encarado, é mister desenvolver um genero litterario quasi completamente ignorado entre nós e pouco cultivado lá fóra: — o romance scientifico.

Não tomam as creanças remedios de mais ingrato sabor, senão muito envolvidos e mascarados em assucar; — o povo é tambem a creança para quem a aridez da sciencia tem um travo repugnante, que só pôde ser tolerado de envolta com as doçuras e amenidades da fórmula romantica.

Quem leu a *Recreação philosophica* do padre Theodosio de Almeida, livro precioso para a época em que foi escripto, convence-se de quanto é facil amenisar as noções rudimentares da sciencia sob uma fórmula, que prenda as atenções e suavise o trabalho da concepção, e de quanto mais facil seria ainda obter tal fim se engenho-

samente se bordasse com ellas a tela do romance sempre tão querida e apreciada pela multidão.

Acreditamos que o romance tem cumprido e ha de cumprir ainda muito importante missão no ensinamento do povo: porque tem sido elle o vehiculo, o intermedio pelo qual se hão levado ao conhecimento da maior parte as noções da historia, as idéas da moral, a exposição dos deveres, o conhecimento do machinismo social e dos attrictos que n'elle se encontram, e até a physiologia das paixões, que cada um sente e que não saberia definir, nem analysar em si proprio.

Mas exercerá o romance um salutar ou pernicioso effeito na moralidade popular? Servirá para corrigir ou perverter os costumes? Cremos que nada d'isto faz: que nenhuma d'estas influencias, boas ou más, exerce directamente; mas que, dando mais largueza e desenvolvimento aos horisontes intellectuaes do leitor, concorre assim, posto que indirectamente, para o bem, desenvolvendo as faculdades da alma e dando a cada um a consciencia dos incommensuraveis limites do seu livre arbitrio.

É certo que um ou outro ente de imaginação mais doctia ou exaltada tem pervertido a senda normal do seu viver pela desgraçada influencia da leitura dos romances, tomando como realidades e modelos as ficções do auctor, a que as leis da litteratura mandam dar dimensões mais largas como se fossem vistas por um vidro de augmentar. Mas, porque a alguns pobres ophthalmicos fazem mal os raios brilhantes de luz solar, devemos condemnar acaso a claridade do sol e applaudir antes as trevas da noite? Absurdo!

Ninguém, (exceptuando esses poucos infelizes, que se impregnam das cores do romance e cujo menor mal é o ridiculo em que se envolvem), ninguém fica melhor ou peor, do que naturalmente é, depois da leitura de um romance, quer elle seja repassado dos perfumes do mysticismo e da moralidade, quer toque os limites do licencioso, ou pinte com vivas cores as scenas mais exageradas da depravação. A moralidade lá resalta, talvez máo grado o auctor, pela força das cousas, pela logica dos acontecimentos, d'entre as scenas de devassidão, do mesmo modo que o espirito do mal vem misturar-se na imaginação do leitor entre as scenas mais asceticas do romance escrupulosamente unguido de convencional virtude.

O romance deleita... e deleitando, instrue. Não augmenta nada á moralidade, mas augmenta muito á illustração. Dá noções dos factos e das leis que presidem ás suas manifestações, e esta razão basta para elle representar importante papel na instrucção popular.

Grande numero das noções de historia universal, que a maior parte dos homens na sociedade conhecem, tem-lhe sido trazidas de presente pela leitura dos romances. E embora se diga que o romance historico tem muitos erros e ficções misturados com a realidade, embora os caracteres imaginarios se encontrem no entrecho com os personagens reaes de que a historia nos transmittiu noticia, embora os factos verdadeiros e capitaes se aproximem ou separem entre si por anachronismos necessarios á contextura do enredo, ainda assim o romance não fica prejudi-

cial, avivando-nos suave e delectosamente os acontecimentos notaveis, e mais do que isso ainda a physionomia geral da época a que se refere.

É este o supremo merito entre os grandes merecimentos litterarios dos romances de Alexandre Dumas.

Tem sido pois um grande serviço as traducções baratissimas dos bons romances francezes, e as empresas que de tal se hão occupado devem merecer a protecção não só do publico menos illustrado para quem mais principalmente se destinam, como tambem dos homens que poderiam deleitar-se com a leitura dos originaes, mas que nas boas traducções vêem as bellezas do estylo da nossa lingua, e apreciam a necessidade da translacção para o idioma patrio como meio de diffundir o gosto pela leitura.

A *Bibliotheca economica* abriu caminho e com ella se fechou quasi o primeiro periodo das tentativas d'este genero.

Chegára-se quasi a acreditar na impossibilidade de evocar do pó do olvido o plano de Eduardo de Faria e de publicar traducções ao alcance de todas as bolsas. Depois de um largo periodo de hybernação, um genio empreendedor, — compenetrado bem das vantagens que ia semear na grande parte da sociedade, quasi condemnada aos escassos e mais substanciosos que interessantes romances originaes portuguezes, pela ignorancia da lingua franceza, — creou a *Bibliotheca dos dois mundos*, importante collecção que já conta mais de trinta volumes publicados e que na barateza quasi tem rivalisado com os originaes estrangeiros.

Todos os paizes cultos têm chegado ao convencimento d'estas verdades e em todos é progressivo o desenvolvimento da litteratura romantica e a barateza das publicações procuradas pelo publico com avidéz.

A nossa vida litteraria porém tão acanhada se ostenta que ainda não podemos viver sem o poderoso auxilio das litteraturas estrangeiras, maiormente da franceza, que melhor que nenhuma outra soube acclimar o romance e imprimir-lhe todas as fórmulas que podem tornal-o delectoso ao espirito dos leitores e util á sua instrucção.

Mas digamos aqui com sinceridade. O nosso publico é muito mais exigente e inexoravel com as publicações nacionaes, do que se vê ser para com as estrangeiras. A sua censura não permite ao romance nacional o menor desvio da logica, ou transgressão das leis fataes das relações de causalidade entre os acontecimentos, em quanto aceita e applaude no romance francez os saltos ás vezes atrevidissimos que se dão por cima do senso commum, em procura de situações de effeito ou de peripécias de interesse.

Todavia — ou talvez mesmo por estas razões — não póde o romance nacional supprir as exigencias do leitor, nem pódem as edições originaes chegar ao alcance de todos os haveres.

A partir da data inaugurada pela *Bibliotheca dos dois mundos*, uma reacção salutar se manifestou em Lisboa, e as empresas de igual indole pullularam com sorte varia, sustentando-se com bons creditos muitas d'ellas. O *Jardim do povo*, a *Distracção litteraria*, os *Serões joviaes*, a *Bibliotheca romantica*, a collecção *Gonçalves Lopes*, e outras que porventura nos não occorrem agora têm conservado com muita dignidade o seu pos-

to; e têm enriquecido os seus catalogos com boas traducções, em que a verniculidade da lingua não é immolada barbaramente, como acontecia outrora, em algumas tentativas isoladas de versões, publicadas quasi adrede para obstruir as estantes dos livreiros, embotar o gosto dos leitores e estragar a pureza da linguagem.

Muitos dos gallicismos tolos e inuteis que pejam a nossa lingua, como remendo de farrapos em manto de fino estofa, tiveram origem n'essa causa e d'ahi se radicaram fatalmente na conversação familiar.

As empresas litterarias, que nos davam apenas o recreio do romance, veiu succeder-se logicamente uma nova tentatiya de maior alcance e mais incalculavel valor. É a *Bibliotheca dos livros uteis*, que se estreou com a importantissima publicação da *Historia de Portugal* segundo o plano de Ferdinand Deniz, — o unico escriptor francez que tem olhado as nossas cousas com justiça e as tem estudado com desejo de conhecer a verdade.

É importante a publicação, confiada a talentos bem provados nas lides litterarias, e promete ser seguida de outras de igual interesse.

No plano d'esta obra, tão curiosa como util, attende-se ainda muito principalmente á indole, gosto e força intellectual da maioria dos leitores: e o estudo do livro, sendo substancial, não deixa de ser ameno, enlaçando por vezes a verdade rigorosa da historia com as tradições romanticas e perfumadas da poesia, que nos foram transmittidas das remotas eras; julgando-as e sentenciando-as no tribunal do bom senso.

É assim que se cimenta e favorece o desenvolvimento da instrucção publica. É assim que se familiarisa o povo com a historia da sua nação, inspirando-lhe cada vez mais o instinctivo orgulho da autonomia; porque quem tem fastos tão gloriosos como a nossa patria não deve deixal-os esquecidos nas estantes das bibliothecas, só explorados por poucos, mas cumpre propalal-os bem á luz da publicidade, tornal-os bem familiares ao povo e ensinar-lhe assim, com interessante lição, proveitosissimos exemplos.

Diz um sabio allemão que os escriptos scientificos devem ser substanciosos e despídos de toda a folhagem de estylo e de considerações, que, por mais genericas, cada leitor possa e deva ter feito antecipadamente.

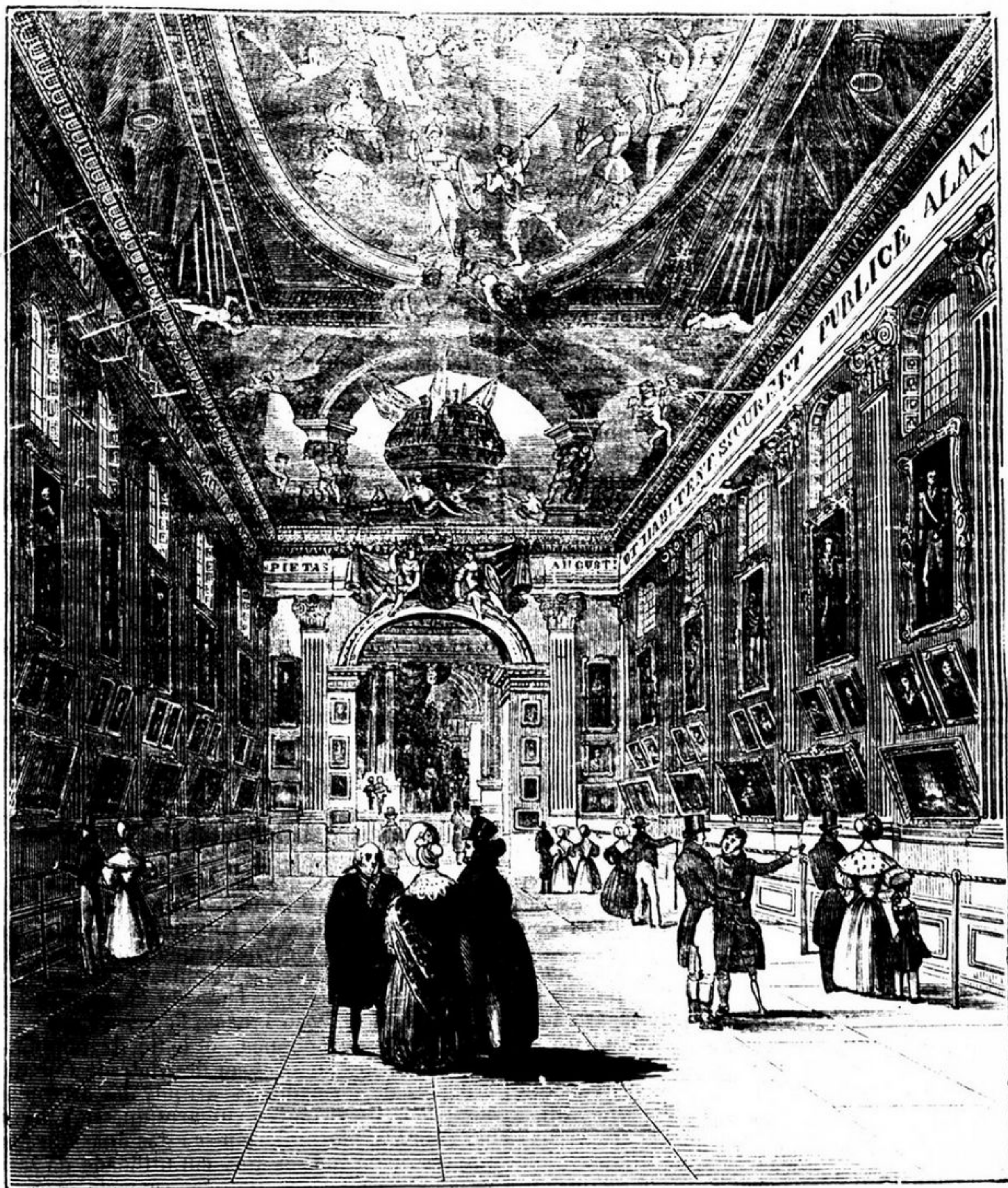
Se para os frios pensadores germanicos convem esta economia de tempo e de espaço em proveito exclusivo da sciencia, para os filhos da península, de imaginação muito mais brilhante e amiga do delecto da variedade, é mister enflorar a idéa substanciosa da sciencia com os primores do estylo ameno, e facilitar a concepção d'ella com os auxiliares que tornam a leitura menos arida e o trabalho intellectual menos laborioso.

O povo, mais do que ninguem, carece que lhe temperem assim agradavelmente o nutrimento intellectual; e largos horisontes estão abertos, debaixo d'este ponto de vista, á litteratura.

Bem valem as fadigas da sementeira quando se auguram tão felizes esperanças de colheita.

G. B.

Onde fixaes os limites da Laconia? perguntaram um dia ao ambicioso Agesiláo — «Na extremidade das nossas lanças» — respondeu o rei de Sparta.



O Hospital de Greenwich

A rainha Maria, mulher de Guilherme III, projectára estabelecer um asylo para os marinheiros inglezes invalidos e estropeados no serviço da nação. Por conselho de sir Christovão Wren foi resolvido que o palacio, ainda não concluido, de Greenwich fosse alargado, e de todo adaptado para aquelle destino. A fundação effeituou-se a 3 de junho de 1696; completou-se a edificação dentro de dois annos; mas o hospital sómente se abriu, para receber os marinheiros asylados, em 1705. Ao principio tudo foi modesto; mas pelo andar dos tempos viéram acudindo consideraveis sommas, tanto para o sustento e bem estar dos marinheiros, como para augmentar as

edificações, e dar esplendor ao todo da grandiosa fabrica.

O complexo dos edificios consiste em quatro grandes corpos quadrangulares, principalmente de cantaria de Portland, desigrados pelos nomes dos reis ou rainhas, nos reinados dos quaes foram alevantados; assim, por exemplo, de Carlos II, da rainha Anna, do rei Guilherme, e de sua consorte a rainha Maria.

Na primitiva instituição eram sómente admitidos os marinheiros da marinha real; mas no reinado da rainha Anna foi estatuido que podessem ter cabimento os marinheiros da marinha mercante, em determinadas circumstancias que

os equiparassem em serviço aos da marinha real.

No anno de 1838 havia no hospital de Greenwich cerca de 3:000 asylados, — os quaes ali recebiam o sustento, vestuario, morada, e uma certa quantia de dinheiro em cada semana. Não sabemos o numero dos habitadores daquelle venerando estabelecimento na actualidade; mas cremos que é consideravel, — ao passo que tem augmentado o conforto e o bem estar de que estão gosando.

Com razão se tem dito que é impossivel dar uma idéa da magnificencia de todas as partes do hospital de Greenwich; das suas esplendidas salas, da soberba capella, dos elegantes porticos, das estatuas, das pinturas, dos objectos curiosos em todos os generos.

Longas paginas fóra necessario encher, para apresentar uma descripção deste edificio, e do estabelecimento em todos os seus aspectos. Não podendo dispor de grande espaço, limitar-nos-hemos a chamar a attenção dos leitores sobre a magestosa perspectiva que a nossa estampa representa, e a dizer-lhes que, no seu genero, é talvez o hospital de Greenwich o estabelecimento mais symptuoso e magnifico de todo o mundo.

#### ALGUMAS BREVES NOÇÕES SOBRE OS ALIMENTOS VEGETAES, E COM ESPECIALIDADE A RESPEITO DO TRIGO

##### I

**Liberalidade da Providencia.—Alimentos vegetaes, na ordem do seu valor nutritivo.—Trabalho precioso do Instituto Agrícola: «Collecção de 29 typos de trigo nacional.»**

Bendigâmos primeiramente a Providencia, pela abundancia e largueza com que acudio ao sustento do homem, no que respeita aos alimentos vegetaes!

Segundo Unger, celebre botanico allemão, citado pelo sr. Macedo Pinto, são já conhecidas dez mil especies de plantas alimenticias, algumas com mais de dez variedades. (1)

— É sobremaneira curioso notar o *valor nutritivo* dos alimentos vegetaes, na ordem da sua diversa composição (gluten, ou materia azotada; albumina; amydo, ou fécula; dexterina, ou asucar; etc.)

Eis aqui a ordem de alguns, mais usuaes, que não sido analysados por Payer, Boussingault e outros chimicos:

Ervilhaca; ervilhas; favas; feijões brancos; lentilhas; trigo duro de Venezuela; trigo sarraceno; aveia; centeio; milho; cevada; arroz; agaricus deliciosas; agaricus arvensis; batata vermelha; batata amarella; inhame; dioscorea batatas; figos seccos; ameixas; castanha secca; folhas de couve.

De todas as plantas gramineas, é o *trigo* o genero mais importante, já pela grande producção das numerosas variedades de cada especie, — já por ser o trigo o cereal mais rico em principios nutritivos.

— Cumpre tomar nota, de que a collecção de 29 typos de trigo nacional, com a escala do seu valor de nutrição e industrial, é um trabalho precioso do Instituto Agrícola, que nada deixa a desejar.

(1) *Medicina Administrativa e Legislativa...* por José Ferreira de Macedo Pinto.

Vamos exarar aqui algumas indicações sobre esta especialidade, em presença dos luminosos subsidios que temos á vista. (2)

O dr. Rodrigo de Moraes Soares, chefe da Repartição de Agricultura do Ministerio das Obras Publicas, projectou fundar no Instituto Agrícola um museu geral e completo dos principaes productos agricolas de Portugal, cereaes, vinhos, azeites, lãs, sedas, etc., — com o fim de offerecer em exposição permanente a carta documentada do estado da producção nos diversos pontos do reino.

Mas, para que uma tal collecção podesse satisfazer a todas as exigencias do ensino e da administração, pareceu indispensavel que a sciencia fosse chamada a explicar, a resolver, a esclarecer tudo o que naquelle basar póde prender a attenção e demandar estudo.

A repartição de agricultura pretendeu que ao lado do producto agrícola, natural ou manufacturado devia existir o texto explicativo das duvidas que suscitasse qualquer das suas qualidades.

Começou-se este interessantissimo estudo pelos *trigos*; e é curioso ver o systema que se adoptou para obter com toda fidelidade os exemplares dos diversos pontos do reino.

Ordenou-se aos governadores civis, que mandassem colher, por pessoas as mais competentes e fidedignas, amostras dos trigos das terras das parochias e concelhos dos seus districtos.

Cada amostra de trigo, e da terra pertencente, foi, em caixa fechada de madeira, remetida ao Ministerio das Obras Publicas, e por este enyiada ao Instituto. Em cada caixa havia separações para o grão, para a palha e espiga, para o solo e sub-solo; sendo tudo acompanhado dos competentes nomes, e da indicação das localidades respectivas.

Mas, o estudo que a repartição de agricultura pedia ao Instituto — demandava conhecimentos da chimica, da botanica e da agricultura; e por isso foi encarregado de executar a parte relativa á analyse chimica e ao estudo industrial dos artigos o lente de chimica e artes agricolas, o sr. João Ignacio Ferreira Lapa; e da parte phyto-agronomica, o lente de botanica e de agricultura, o sr. João de Andrade Corvo.

Depois de formados os grupos dos exemplares dos trigos pelos nomes vulgares que se achavam nas amostras, formularam-se estas duas questões, que resumem tudo o que, em utilidade da sciencia e da applicação pratica, se póde exigir do estudo dos trigos de um paiz:

— Conhecer o valor ou as qualidades industriaes e alimentares dos trigos de cada grupo, afim de poder estabelecer entre os 29 grupos achados uma ordem ou escala de merecimento.

— Comparar no mesmo grupo os exemplares de diversas procedencias, para saber em que localidade o trigo de cada typo vulgar é melhor ou peor.

(2) *Relatorio do estudo industrial e chimico dos artigos portuguezes, reduzidos a vinte e nove typos vulgares: trabalho executado no Instituto Agrícola, sob os auspicios da Rep. de Agr. do Min. das Obr. Publ., Comm. e Ind., por João Ignacio Ferreira Lapa, Lente proprietario do mesmo Instituto...* Lisboa, 1862.  
*Tabella geral do estudo agronomico, commercial e chimico de vinte e nove typos de trigos portuguezes; trabalho executado no Instituto Agrícola, por ordem da Rep. de Agr. do Min. das Obr. Publ., Comm. e Ind., por João de Andrade Corvo... e João Ignacio Ferreira Lapa.*

A repartição de agricultura quiz que a parte concluída destes estudos e collecções agricolas concorresse com outros, também feitos e preparados no Instituto, á *Exposição Universal de Londres*; de sorte que foi indispensavel reunir á pressa os elementos obtidos, acompanhados das primeiras inducções scientificas que sobre elles foi possível fazer, ficando reservada para mais tarde a apresentação de um relatório mais completo, a respeito de todas as questões que este capitulo da agricultura envolve.

Lamento não poder acompanhar a noticia dos sabios processos empregados no estudo de que se trata; no entanto sempre direi que se apresentou:

1.º Uma grande tabella, comprehensiva de todos os resultados do estudo botânico, agronomico, industrial e chimico, referidos aos typos de trigos vulgares de Portugal.

2.º A exposição do plano adoptado na analyse industrial e chimica dos mesmos trigos, assim como das terras em que foram produzidos.

3.º Dois mappas de Portugal, representando, um delles a população cereal por concelhos e districtos; outro, figurando a distribuição dos trigos por typos, as regiões fromentarias, e as linhas meteorologicas que podem ter alguma relação com a cultura do trigo.

4.º Uma parte doutrinal, que contém o criterio e a philosophia da tabella de analyse, assim como as deducções praticas estabelecidas sobre o confronto das médias referidas em dois grupos commerciaes de trigos, molares e rijos. —

Quereis ver a importancia destes trabalhos? Reparae nas palavras que em 1862 proferia um distincto professor do Instituto o sr. Beirão: — «Seria uma grave injustiça, se acaso neste lugar não fizessemos uma especial e honrosa menção do nome de um dos professores deste Instituto, o sr. Lapa, que tão poderosamente concorreu para o credito de Portugal na *Exposição Universal de Londres* com a analyse e descripção dos trigos portuguezes, e dos solos que os produziram. — Basta que o Instituto e a nação saibam que, nesta especialidade, o trabalho do sr. Lapa é reputado um dos primeiros que se conhecem; de modo que o trabalho do digno professor do Instituto Agrícola de Lisboa não desmereceu o credito que os proprios productos obtiveram naquella grande certamen da industria de todo o mundo.» — (1)

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

## BEATRIZ

Scenas da vida íntima dos Açores no seculo XVIII

(Continuado de pag. 378)

### XXXI

Cerraremos aqui este romance, contando ao leitor a sorte de Beatriz de Lencastre.

Bertriz soube pelo general o desgraçado desenlace dos seus amores. O estado de prostração em que ficou não ha descrevel-o. Só a vida que abraçou pode dar uma idéa da dolorosa impressão que soffreo.

Os primeiros annos, após a morte do conde,

(3) Algumas palavras proferidas na sessão da abertura das aulas do Instituto Agrícola de Lisboa no anno lectivo de 1862-1863, pelo professor de agronomia... C. M. F. da Silva Beirão... Lisboa, 1862.

correram para ella attribulados pela dôr e repassados mui pungentes. A sua attenção, porem, volvia-se para Deus e os seus soffrimentos serenaram-se com as flores da esperanza. Beatriz tinha fé íntima — que cedo iria ligar-se ante Deus com aquella alma, que ella amava tanto e que tão depressa se partira deste mundo. A sua religião, no trato do conde espiritualisara-se. As crenças grosseiras de uma religião estreita succederam idéas religiosas mui elevadas. Ella não acreditava na ressurreição do corpo, mas na immortalidade da alma e no enlace dos espiritos cujos corações Deus unio pelo amor. Para ella essa união além da campa devia realizar-se pela força de afinidade de duas almas, que se haviam elevado ás aspirações do infinito pelo mesmo sentimento. Ella estava inteiramente convencida que mal se soltasse dos tenues laços, que a prendiam á terra, a sua alma voaria para se confundir com a do seu amante, no seio de Deus. Esta esperanza suavizava-lhe a vida e levava-a a anseiar pela hora da morte como pela da liberdade.

A morte para ella não era espectro horrendo, mas transformação de materia e elevação do espirito. O corpo segundo ella pensava descia á terra, para della surgir com as formas da flôr, que brota sobre a campa ou da arvore que ali cresce, e o espirito subia para Deus para colher a palma da sua virtude, completando pela sua união com o de outro ser.

Essas idéas de Beatriz não lhe permittiram dar ouvidos ás requestas de muitos dos principaes cavalheiros do seu tempo; é que ella preferia ser fiel á imagem ideal do conde a profanar o seu coração por um amor menos puro. Affigurava-se-lhe que dar o doce nome de esposa e amante a um outro homem, que só possuísse o seu corpo, era prostituir a sua alma e adulterar a mais santa das instituições.

Nesse estado de espirito ser-lhe-ia asylo grato a solidão de um mosteiro, mas os abusos, que já nesse tempo grassavam pelos conventos, fizeram-na mudar de tenção e fundar na sua propria casa um convento.

Beatriz consagrava os rendimentos da sua casa para ampliar um recolhimento, antiga instituição de seus avós, que havia junto ao seu solar. As suas rendas, que sobravam dessas despezas, iam-se todas em esmolas.

A's vezes succedia lamentarem que deixasse ir para o estado a sua casa, ella, porem, respondia sorrindo:

— Bom é que eu não possa casar, afim de me tornar digna do meu nome, servindo o estado por esse modo, já que por outro me não permitte o meu sexo.

Poucos dias antes de escrever o romance, montamos a cavallo e seguimos na direcção da villa de... , afim de percorrermos os sitios que Beatriz havia animado durante a sua vida. O tempo, porém, não poupou sequer as pedras do solar da morgada. O recolhimento, que ella fundou, também já acabou. O estado, que della herdou, transferio as suas recolhidas para um outro recolhimento desta cidade e deixou cair lanço a lanço aquelle que já então estava mui desterrado. No lugar em que elle existira só deparamos com uma ermida em ruinas. Levados pela curiosidade entramos nella e, subindo os degraus do altar mór, topamos com um tumulto. Cubria-o uma pedra de

marmore branco, sobre o qual se via o escudo dos Lencastres e se lia o seguinte epitaphio:

*Aqui jaz Beatriz de Lencastre, Segunda Doadora do Recolhimento e Ultima Morgada de Lencastre.*

VICENTE MACHADO DE FARIA E MAIA.

UMA ESPECIALIDADE DO CARACTER DE UM GRANDE POVO,  
ASSIGNALADA POR LORD BROUGHAM

No livro em que foram recolhidas em 1841 algumas opiniões do sabio Lord Brougham (*Collections of ancient and modern british authors* — vol. 317 — *Opinions of Lord Brougham*), — nesse livro, digo, refere Lord Brougham, citando Mr. Robison, um facto muito curioso do mundo scientifico.

Quando os chimicos francezes concluíram as suas experiencias sobre a composição da agua, celebraram uma especie de festividade, na qual, vestindo-se Madame Lavoisier em trajos de sacerdotisa, queimou em um altar os *Fundamenta* de Stahl, estando um côro de musicos cantando solemnemente um *requiem* ao systema abandonado.

Mr. Robison, de quem Lord Brougham soube este facto, fundava-se na auctoridade do professor Lichtenberg de Gottingen. Observava este professor allemão, que, se Newton fosse capaz de apeteer um triumpho tão pueril sobre os *vortices* de Descartes, jámais poderia ser considerado como o escriptor dos *Principia*. Acrescentava Mr. Robison, que, se Newton ou Black exultassem de tal modo, e naquelle gosto, em quanto a Descartes e Meyer, por certo concluiriam os seus concidadãos que Newton e Black estavam doudos.

Lord Brougham, mais severo, apresentava o mencionado facto, como «um exemplo divertido da geral *charlatanerie* (é impossivel que este vocabulo seja traduzido por um povo (o inglez) tão isento deste defeito), que torna o character nacional francez o menos *respectavel* de todo o mundo civilizado: = We give it to our readers as an amusing instance of that universal *charlatanerie* (the word cannot be translated by a people so destitute of the thing) which renders the French national character the least *respectable* of any in the civilised world =

O sabio inglez foi por extremo severo, e menos justo. O que se chama *charlatanerie*, applicado ao povo francez, e no sentido de desluzir o character daquelle povo, não assenta em solido fundamento: ha mister substituir o pela palavra — *gaieté* —. Ha em França muitos *charlatães*, como os ha em todas as nações; mas, assignalar com um tal ferrete, digamol-o assim, uma nação inteira, tão judiciosa, tão rica de verdadeiros talentos, tão séria nas cousas sérias, só porque tem natural disposição para rir, para galhofar... é uma soberana injustiça.

Que ha entre as duas nações, a ingleza e a franceza, uma grande differença no modo de sentir, e no modo de exprimir o sentimento, — é incontestavel; mas essa mesma differença justifica os francezes, — pois que a inglezes ha de parecer menos grave o que a francezes é proprio do seu genio jovial, sem quebra, todavia, da gravidade — onde a gravidade é requerida.

A anecdotica citada não prova charlatanismo; prova sómente a disposição que os francezes têm para rir, para tirarem partido de tudo — no sen-

tido de alegrarem a existencia, e de arredarem para longe a monotonia, o enfado, o *spleen*.

Pascal e Descartes, Laplace e Cuvier, Montesquieu e Royer Collard... e tantos, e tantos nomes nas letras, nas sciencias, nas artes, abonam assás a gravidade de uma nação.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

Devemos cuidar do futuro, mas sem deixar de gosar do presente; porque o contrario seria fazer-nos hoje miseraveis com receio de o vir a ser amanhã.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

**Noticia sobre a fundação do mosteiro e igreja da Madre de Deus.** Por Joaquim Ferreira dos Santos Firmo. Lisboa. 1867.

O mosteiro da Madre de Deus foi fundado pela Rainha D. Leonor, mulher de El-Rei D. João II. — A 18 de junho de 1509 tomaram posse do mosteiro sete religiosas, que a fundadora mandou vir do mosteiro de Jesus, de Setubal; e no dia 23 do mesmo mez e anno se effectuou a benção do mosteiro, — luzida cerimonia, á qual assistio a piedosa Rainha. — A igreja que hoje existe, não é obra mandada fazer pela fundadora do mosteiro, senão por El-Rei D. João III; e foi o caso, que, reconhecendo este soberano não ser o primitivo templo assás grandioso, o fez converter em casa de capitulo, e mandou edificar nova igreja, — precisamente aquella que hoje existe, depois de reparada dos estragos causados pelo fatal terremoto de 1755.

Estes e outros pontos são tocados na monographia do sr. Santos Firmo com o desenvolvimento conveniente, e com a indicação das auctoridades em que firma as suas asserções, ou ainda as suas conjecturas, — como se vê das notas que acompanham o livrinho.

— Muito bem andou o sr. Santos Firmo em fazer commemoração do nobre e verdadeiramente caritativo acto, que a virtuosa rainha D. Leonor praticou, qual o de fundar o Hospital, a que a gratidão do povo portuguez conserva o nome de *Hospital das Caldas da Rainha*. Nem posso deixar de louvar especialmente o escriptor, pela circumstancia de considerar aquella *acção meritoria como sendo o mais solemne documento das qualidades exemplarissimas de tão virtuosa Rainha*. Foi apreciavel a edificação de um mosteiro, porque uma piedade sincera e veneranda a inspirou á Princeza Augusta; mas é dado crer que a Deus não seria menos grata a fundação de um estabelecimento, como é o do hospital das Caldas, destinado a alliviar a humanidade enferma, e a propórcionar aos doentes desvalidos os meios de tratamento e curativo em seus padecimentos.

— Não receie o sr. Santos Firmo que sejam tidos na conta do *frioleiras*, como diz, trabalhos da natureza daquelle que agora temos o prazer de annunciar. Felizmente o maior numero dos leitores présam os estudos graves, e não olham com desdem para os esforços que vê empregados no descobrimento da verdade, relativa ás pessoas e ás cousas dos passados tempos.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.